

UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA EM TEMPOS DE PANDEMIA.

Limerce Ferreira LOPES

Instituto Federal de Goiás- Universidade Federal de Goiás

Eliane Márquez da Fonseca FERNANDES

Universidade Federal de Goiás

Resumo: Esse artigo apresenta parte dos resultados da minha tese de doutorado, em que pretendemos discutir, a partir de uma análise discursiva, qual a relação estabelecida do leitor da atualidade frente à leitura realizada em suporte impresso e digital. No recorte que fizemos para a escrita desse artigo, discutimos a compreensão sobre “leitura”, para alunos do 1º ano do ensino médio técnico integrado dos cursos de Instrumento Musical, Eletrônica e Controle Ambiental, do Instituto Federal de Goiás¹, a partir do lugar de inscrição desse sujeito: a crise sanitária causada pelos vírus Sars-CoV-2 (covid 19) entre 2020 e 2022. Para as discussões teóricas recorreremos à Análise do Discurso a fim de discutir as noções referentes a “linguagem/discurso”, “sujeito”, “interdiscurso”, “memória discursiva”, “dialogia” e “interação verbal”, dentre outras (BAKHTIN, 1997; BAKHTIN, M. VOLOCHÍNOV, 2006; FARACO 2009; GREGOLIN, 1995; 2004; ORLANDI, 1999, 2001, 2003; PÊCHEUX, 1990; RIOS, 2006); analisamos, a partir das vozes instauradas durante a coleta de dados, as relações interdiscursivas que demonstram essa filiação a uma memória discursiva coletiva já que esse aluno também é um sujeito social que está inscrito a partir desse lugar histórico (pandemia da covid 19), e que, portanto, seus enunciados são uma réplica viva e ativa de uma tomada de decisões e de uma expressão valorativa frente a esse contexto.

Palavras-Chave: Análise do Discurso. Sujeito. Práticas de Leitura. Pandemia.

A DISCURSIVE ANALYSIS ON READING PRACTICES IN PANDEMIC TIMES.

Abstract This article presents part of the results of my doctoral thesis, in which we intend to discuss, from a discursive analysis, what is the established relationship of the current reader with the reading carried out in printed and digital support. In the clipping we made for the writing of this article, we discussed the understanding of "reading", for students of the 1st year of the integrated technical high school of the courses of Musical Instrument, Electronics and Environmental Control, of the Federal Institute of Goiás, from the place of inscription of this subject: the health crisis caused by the Sars-CoV-2 virus (covid 19) between 2020 and 2022. For

¹ Todos os dados apresentados nesse artigo como objeto de análise e discussão estão em observância às normas estabelecidas em nível institucional pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IFG/UFG aprovados em 15/07/2021, parecer nº 4.996.031

theoretical discussions we resorted to Analyses of Discourse in order to discuss the notions referring to “Language/discourse”, “subject”, “interdiscourse”, “discursive memory”, “dialogy” and “verbal interaction”, among others (BAKHTIN, 1997, FARACO, 2003; GREGOLIN, 1995, 2004; MAINGUENEAU, 1997, 2000; ORLANDI, 1999, 2001, 2003; PÊCHEUX, 1990; RIOS, 2006); based on the voices introduced during data collection, we analyze the interdiscursive relationships that demonstrate this affiliation to a collective discursive memory since this student is also a social subject who is enrolled from this historical place (covid 19 pandemic).), and that, therefore, their statements are a living and active replica of a decision-making process and a valuable expression in this context.

Keywords Speech analysis. Subject. Reading Practices. Pandemic.

UN ANÁLISIS DISCURSIVO DE LAS PRÁCTICAS LECTORAS EN TIEMPOS DE PANDEMIA.

Resumen Este artículo presenta parte de los resultados de mi tesis doctoral, em que objetivamos discutir, partiendo de um análisis discursiva, cuál es la relación establecida del lector de la actualidad con la lectura en formato impreso y digital. En el recorte que hicimos para la redacción de este artículo, discutimos la comprensión de la "lectura", para estudiantes del 1° año del bachillerato técnico integrado de las carreras de Instrumento Musical, Electrónica y Control Ambiental, del Instituto Federal de Goiás, partiendo de su lugar como sujeto histórico: la crisis sanitaria provocada por el virus Sars-CoV-2 (covid 19) entre 2020 y 2022. Para esto, buscamos las nociones de “discurso”, “sujeto”, “interdiscurso”, “memoria discursiva”, “dialogía” e “interacción verbal”, entre otros (BAKHTIN, 1997, FARACO, 2003; GREGOLIN, 1995, 2004; MAINGUENEAU, 1997, 2000; ORLANDI, 1999, 2001, 2003; PÊCHEUX, 1990, 2006; RIOS, 2006), con fines de analizar las relaciones interdiscursivas que evidencian esta filiación a una memoria discursiva colectiva, ya que este estudiante es también un sujeto social que se inscribe desde este lugar histórico (pandemia de covid 19), y que, por lo tanto, sus declaraciones son una réplica viva y activa de un proceso de toma de decisiones y una expresión valorativa de este contexto.

Palabras-clave: Analisis del Discurso. Sujeto. Prácticas lectoras. Pandemia.

DAS PALAVRAS INICIAIS

Este artigo é um recorte da minha tese de doutorado em que busco apresentar as concepções discursivas apresentadas pelos colaboradores de nossa pesquisa (alunos do 1° ano do ensino médio técnico integrado, do Instituto Federal de Goiás, sobre a leitura realizada em suporte impreso e digital e sobre o leitor da atualidade. Nesse sentido, discuto aqui, a compreensão apresentada por esse leitor sobre a ação da leitura, a partir do lugar de inscrição desse sujeito: a crise sanitária causada pelos vírus Sars-CoV-2 (COVID 19) entre 2020 e 2022.

Antes de iniciar as discussões sobre a pesquisa, é necessário contextualizar em que momento a pesquisa aconteceu, já que como nosso olhar está focado na relação do sujeito com a língua, com a história e com a ideologia, refletir sobre questões discursivas requer considerar que o “(...) O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 1999, p. 15).

Em 2021, em tempos de pandemia, nossa pesquisa iniciava seu percurso. Situação essa que afetava não somente o modo de nos relacionarmos uns com os outros, haja vista que estávamos vivendo um tempo de isolamento social dadas as condições de propagação do vírus, mas também de grandes impactos emocionais. Os impactos dessa pandemia também se refletiram de forma muito preocupante na educação. Diante da necessidade de tentar amenizar a repercussão causada pela interrupção das aulas presenciais, devido à necessidade do isolamento social, muitas escolas resolveram adotar o Ensino Remoto Emergencial (ERE) implementado às pressas, sem uma avaliação prévia acerca das possibilidades reais de efetivação dessa estratégia e, como resultado, percebemos nitidamente a evidência clara da exclusão social (CUNHA, SILVA e SILVA, 2020). O ERE foi uma tentativa de transpor todo o conteúdos previstos no ensino presencial, para o ambiente virtual, utilizando a mediação das ferramentas tecnológicas (vídeos, pdfs, atividades online) para disponibilização dos materiais aos alunos. Esse isolamento previa um apoio para a ministração de conteúdos muito mais que as relações humanas presenciais.

Apesar de todas as implicações apresentadas e evidenciadas durante a pandemia, as pesquisas revelam que o uso frequente do ambiente virtual durante a pandemia, colaborou significativamente na inserção de jovens e adultos nas práticas de leitura e escrita *online*. Isso se deve ao fato de que, em tempos de isolamento social, o ambiente virtual serviu como alento para a maior parte da população que usava esse recurso para ver a família (em chamadas de vídeo), estudar (com as aulas online), fazer novas amizades, buscar entretenimento, é o que revela a 5ª edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, publicada em 2019/2020, que destaca que a internet tornou-se o *hobby* de maior crescimento no cotidiano das pessoas, uma vez que, segundo a pesquisa, “(...) 66% do total da amostra preferem usar a internet no seu tempo de entretenimento, um aumento substantivo comparado ao percentual (47%) encontrado em 2015.” (MALINI, 2020, p. 139).

Essa pesquisa também revela que durante 2020, ano em que as pessoas ficaram mais em casa, devido ao isolamento social, em média (97%) dos alunos de ensino superior e 94%, da classe A, usaram a internet em tempo livre. Malini (2020, p.140) reforça ainda um dado importante encontrado na pesquisa - dentre os 76% dos entrevistados que usaram a internet nos últimos três meses em que a pesquisa foi realizada (2019/2020), 78% buscaram ler notícias e informações em geral. E, em menor número, buscaram ler jornais (37%) e ler revistas (28%); 76% buscaram aprofundar o conhecimento sobre os temas do seu interesse e, em menor grau, (53%) utilizaram para “estudar, fazer trabalho escolar ou pesquisar temas escolares”; e (40%) para ler livros.

Diante desses fatores, podemos perceber que nasce desse contexto um leitor muito típico desse tempo. Um leitor “interditado”, sem muitas escolhas frente aos suportes que “prefere” ler. Um leitor que, ao mesmo tempo em que está imerso em uma realidade virtual e reconhece as facilidades que ela apresenta, principalmente em relação ao acesso facilitado frente à leitura; demonstra-se exaurido, com as vistas cansadas, entediado por não ter muitas escolhas frente ao que a realidade pandêmica propõe. Um leitor que antes usava seus dispositivos para entretenimento, ou para busca de informações, mas que agora, precisa (necessariamente) estreitar uma relação maior (e exaustiva) com o ambiente virtual. Esses leitores, diante da necessidade de realizar suas atividades quase sempre frente às telas (ler, estudar, assistir aulas, comunicar-se, entreter etc.), sentem-se desmotivados frente à possibilidade de realizar as leituras nesse ambiente virtual, já que agora, essas leituras, se tornaram condição essencial para realização das obrigações diárias.

É partindo desses pressupostos que apresentamos as vozes desses alunos/colaboradores de nossa pesquisa que, embora seja um leitor que faça uso continuamente dos recursos tecnológicos, ele também é um sujeito social que está inscrito a partir desse lugar histórico (pandemia da Covid 19), e que, portanto, seus enunciados são uma réplica viva e ativa de uma tomada de decisões e de uma expressão valorativa frente a esse contexto. Então, tratamos de evidenciar quem é esse sujeito leitor, para então, apresentar suas compreensões acerca da leitura em tempos de pandemia.

1.0 DA CONSTITUIÇÃO DOS SENTIDOS DA LINGUAGEM

Para compreendermos os efeitos de sentido instaurados nas produções discursivas desses sujeitos/leitores, retomamos os princípios teóricos da Análise do Discurso (AD). Segundo esse campo teórico, os discursos estão sempre sob efeitos de relações de forças instituídas por lugares de poder, assumidas pelo sujeito-falante e, por conseguinte, sentidos e sujeitos não existem em si mesmos, mas são afetados por posições ideológicas que estão em jogo no processo socioideológico, assim sendo, palavras mudam de sentido segundo posições assumidas pelo sujeito no processo discursivo.

Diante desses pressupostos, a AD foca no discurso enquanto “palavra em movimento”, que busca nas práticas de linguagem, compreender a articulação, o deslocamento e a capacidade que a linguagem tem de significar e significar-se. A partir disso, a linguagem é construída, levando em consideração elementos da exterioridade, isto é, os aspectos sócio-históricos e as condições de produção daquele que fala, para que assim, por meio da análise realizada no discurso, “observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2003, p.17).

Desse modo, consideramos que as vozes produzidas marcam um lugar social, uma instância sócio-histórica que ecoa e atravessa as vozes desses alunos e que, portanto, precisam ser consideradas dentro do processo de produção dos sentidos. Nessa perspectiva, as palavras interagem umas com as outras, num movimento dialógico de relações de sentido, possibilitando que todo discurso lançado já espera uma réplica que confirma, refuta, significa e ressignifica.

Esse olhar para a linguagem, desautomatiza a forma de concebê-la, uma vez que propõe outros modos de analisar a língua, considerando aspectos que compreendem a relação do sujeito com a língua e a história, a partir do seu objeto teórico: o discurso. Então, quando retomamos aspectos da AD para nossa análise, estamos considerando que a língua é da ordem da opacidade, da possibilidade do equívoco, da ruptura, do social e, portanto, passível de gestos de interpretação, já que “a previsibilidade, a regularidade não são fatalidades mecânicas. São parte da história, ou melhor, das histórias dos sujeitos e dos discursos” (ORLANDI, 2003, p. 16).

Portanto, quando discutimos sobre a construção dos sentidos, não há como dissociar o fato de que a linguagem é a grande mediadora entre homem, realidade natural e social e é por

meio do discurso que essa mediação se torna possível. Sendo assim, é no signo linguístico que os fios ideológicos se manifestam, de modo a desvelar todas as mudanças históricas, as formas de poder e saber, caracterizando o lugar de luta, espaço de confrontos, recusa, réplicas (BAKHTIN,1997).

Desse modo, as nossas relações na condição de sujeitos estão sempre afetadas por um valor axiológico, por valores que ultrapassam o que estritamente está apresentado na materialidade linguística. Nossas escolhas, nossas práticas de linguagem são mediadas e afetadas por camadas de discursos que decorrem de aspectos históricos, sociais e ideológicos. Assim, todo processo de produção e compreensão requer uma atitude responsiva ativa do locutor, no processo de construção do sentido da linguagem. Daí que, essa postura responsiva e participativa de leitor/leitura/linguagem não se esgota na relação entre a palavra escrita e o seu receptor/leitor, mas alcança esse encontro entre o leitor e o signo. As experiências próprias dessa relação alteram/colaboram para a construção de mundo do sujeito e, por conseguinte, para a constituição de sua própria existência. E as práticas de linguagem são construídas nesse espaço, segundo as circunstâncias da enunciação, dos objetivos dos sujeitos falantes, e serão influenciadas pelos aspectos socioculturais.

Em vista disso, a palavra, carregada de valores, produto ideológico, plurivalente, contempla duas partes que constituem a criação ideológica e que estão imbricadas no signo. Essas partes, que são os temas e as formas, refletem-se na língua e integram uma realidade observável que contribuem na plurivalência social do signo, nas lutas de classe e nas mudanças sociais, posto que “a palavra, como fenômeno ideológico por excelência, está em evolução constante, reflete fielmente todas as mudanças e alterações sociais. O destino da palavra é o da sociedade que fala” (BAKHTIN, VOLOCHINOV 2006, p. 199).

Todo esse processo de instauração da palavra, como atividade verbal, acontece a partir das relações entre discursos, de uma atitude responsiva ativa, instituída a partir da interação verbal e, logo, constitutiva das relações de sentido. Cada enunciado produzido por esses sujeitos/colaboradores revela um encadeamento de outros dizeres retomados a partir de vozes ditas algures, ressoadas e reiteradas nas suas produções e enunciados. Por isso, faz-se necessário considerar o lugar de fala desse sujeito leitor, já que enquanto sujeitos de linguagem, seus

discursos são produzidos a partir de outros discursos, em função dos lugares sociais, de contextos imediatos e na relação com outros sujeitos.

2.0 DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO-LEITOR

Conforme mencionado anteriormente, o sujeito que produz os discursos, fala a partir de um lugar que afeta diretamente o que deve ou não ser dito, pois ele busca sempre, captar suas formulações na memória discursiva coletiva. Quer dizer que o leitor busca os sentidos, por meio de um pré-construído (interdiscurso), pois “A singularidade do sujeito, e modo análogo do acontecimento, é excluída dessa construção que finalmente permanece no duplo domínio do Homem e no fechamento do sentido” (PIOVENAZI, SARGENTINI, 2020, p. 56). Então, compreender que a linguagem permeia as relações entre os sujeitos, é reconhecer que sua essência é dialógica, uma vez que, assim como afirma Bakhtin/Volochinov (2006), a linguagem é o eixo de tudo e não há como dissociar os sentidos da linguagem das práticas sociais, portanto, a palavra é “(..) arena de luta onde se confrontam aos valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem”. (p. 7).

A relação entre o “eu” e o “outro” é que permite a construção dos sentidos na comunicação, seja ela, comunicação verbal oral, verbal escrita ou semiótica. E é nessa construção de sentidos entre eu/ outro que surgem os sujeitos, pois não há um sujeito sozinho, mas eles se constituem na comunicação real. Segundo Bakhtin (1997, p. 386) “A palavra do outro deve transformar-se em palavra minha-alheia (ou alheia-minha) (...). O objeto, durante o processo da comunicação dialógica que ele enseja se transforma em sujeito (em outro *eu*)”. Essas forças, agem nas vozes sociais: “palavra-minha”, “palavra alheia”, “palavra alheia-minha” materializadas nos discursos e que Bakhtin as denomina como centrípetas (que atuam na estabilidade dos discursos) e como centrífugas (que atuam na mudança dos discursos) aquelas que estão em relação de poder e, portanto, não há neutralidade nesse jogo em que as vozes circulam. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006).

Para Bakhtin, o sujeito se configura dentro dessas relações dialógicas em que o enunciador confronta com outros sujeitos, com as vozes sociais por meio da interação verbal. Por isso, para que os enunciados sejam instituídos, é preciso que, para além desse confronto, esse sujeito esteja inserido em um dado momento histórico e social. Justamente, porque o signo

não é neutro, ele sempre reflete uma condição ideológica advinda de aspectos da realidade extraverbal. “Mas na ordem do sentido ela é, por princípio, absoluta, uma vez que o sentido nasce do encontro de dois sujeitos, e esse encontro recomeça eternamente” (BAKHTIN, 1997, p. 20). Então, o sujeito não existe sozinho, só existe na interação com outro(s) sujeito(s) na sociedade, pois é nela que a dialética materialista de confrontos dialógicos ocorre, na relação do sujeito com o outro.

Ao se pensar nessa relação, cuja linguagem percorre uma via (dialógica) de mão dupla (entre o eu o outro), que consideramos que não há como pensar em um “sujeito empírico” imobilizado. O que temos é um “sujeito social” que envolve sempre sujeitos interlocutores, que avançam e recuam em sua valoração durante todo o tempo, mas que nenhum dos dois é considerado passivo nesse processo de construção dos enunciados, inclusive porque “a recepção e a circulação dos discursos são tão parte do sentido quanto sua produção” (SOBRAL, 2009, p. 49).

Nesse ínterim, não podemos desconsiderar a figura do sujeito social que, afetado por todos os aspectos apresentados pela pandemia da Covid 19, já que é constituído a partir de sua relação com o outro/mundo, é propriamente um sujeito de linguagem e, portanto, “(...) ao dizer se significa e significa o próprio mundo” (ORLANDI, 2001, p. 44). Mediante a isso, o sujeito se identifica na língua e pela língua, para assim, manifestar suas posições valorativas/axiológicas acerca das situações oriundas do contexto social.

Frente a essas discussões sobre “a constituição desse sujeito-leitor”, reiteramos que nosso aluno/colaborador, é um sujeito que traz em suas produções discursivas uma pluralidade de vozes que ecoam na singularidade dos enunciados e que se atualizam, dialogicamente, a partir dos sentidos, é o que reitera Bakhtin (1997, p. 44).

Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo).

Desse modo, nenhum enunciado é neutro, pois os sentidos sempre emergem de um contexto repleto de significados que demandam sempre uma resposta às relações do sujeito

com os objetos, e de suas experiências vividas com o outro. Nessa direção, nosso corpus apresenta um sujeito que está inscrito a partir desse lugar histórico (pandemia da Covid 19), e que, portanto, seus enunciados são uma réplica viva e ativa de uma tomada de decisões e de uma expressão valorativa frente a esse contexto. Analisar esses discursos, então, é lançar um olhar para os signos linguísticos, intrinsecamente sociais, produzidos no âmbito das relações estreitadas entre o ambiente natural e social e, devido a isso, os discursos que configuram esse tempo, revelam uma dimensão heterogênea, ideológica construída a partir de eventos que os colocavam frente a outras produções de sentidos.

Portanto, esses sujeitos/colaboradores da pesquisa são jovens adolescentes que acabaram de ingressar no ensino médio XXXXXXXX e que, devido aos acometimentos da pandemia, começaram o ano letivo sem ao menos ter tido a oportunidade de conhecer o espaço escolar, trocar conversas nos corredores com os colegas, fazer amizades e conhecer pessoalmente os professores. Então, nesse percurso, para adaptar-se às novas exigências ocasionadas pela instância, a frequente exposição às telas devido à pandemia, trouxe uma outra percepção acerca do uso das tecnologias.

Assim, é na materialidade linguística como ponto de partida, que mobilizamos os aspectos sócio-históricos que estão ali, no discurso, imbricados. E isto nos possibilita identificar os efeitos de evidência que apontam para os gestos de interpretação e que, enquanto analistas do discurso, também nos colocamos como parte dessa produção de sentidos, já que estou envolvida nesses gestos, pois segundo o próprio Pêcheux (1990) a dificuldade do trabalho do analista é “saber onde residem os implícitos, que estão ausentes por sua presença” (p. 52).

3.0 DO PERCURSO METODOLÓGICO E DA ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa aqui em questão, conforme mencionado anteriormente, foi realizada com alunos ingressantes do 1º ano do ensino médio técnico, dos cursos de Instrumento musical, Controle ambiental e Eletrônica, do XXXXXXXX, ocorreu no primeiro semestre de 2020/1, de modo online. A abordagem utilizada na pesquisa é qualitativa pois nosso objetivo foi o de compreender as relações que envolvem os seres humanos, levando em consideração os diversos pontos de vista que os afetam, e considerada de tipo “pesquisa-ação”. Essa investigação surgiu como resposta às demandas apresentadas pela professora regente das turmas no tocante às necessidades dos alunos frente ao letramento digital.

A entrevista aconteceu a partir da oferta de um minicurso online, via plataforma Google Meet, durante os encontros síncronos (online). Nesse minicurso, propusemos algumas questões (entrevista não estruturada) que foram respondidas por meio de uma conversação informal (LAKATOS; MARCONI, 2001). Essas questões, foram utilizadas apenas como um fio condutor, mas na medida em que o contexto da conversação permitia, outras perguntas eram inseridas, principalmente usando outras ferramentas de coleta, como as enquetes disponibilizadas na plataforma *Mentimeter*².

Nesse sentido, é importante ressaltar que esses sujeitos/colaboradores da pesquisa são jovens adolescentes que no momento da coleta de dados (2020/1) acabaram de ingressar no ensino médio do XXXXXXXXXX. Desse modo, devido aos acometimentos da pandemia, começaram o ano letivo sem ao menos ter tido a oportunidade de conhecer o espaço escolar, trocar conversas nos corredores com os colegas, fazer amizades e conhecer pessoalmente os professores. Então, nesse percurso, para adaptar-se às novas exigências ocasionadas pela instância, isto é, a modalidade de ensino remoto emergencial, eles eram submetidos à uma frequente exposição às telas, o que fomentou novas percepções discursivas acerca da leitura e escrita no ambiente digital. É o que percebemos nas vozes dos alunos dos cursos de Controle Ambiental (CA) e Instrumento musical (IM)

*CA1: Antes da pandemia eu adorava escrever no papel, fazer texto. Adorava. Agora eu não aguento. Fazendo um **mapa mental** eu já fico cansada. Eu fico fazendo mil vezes no celular, porque é muito mais rápido e prático. Isso me atrapalhou demais.*

*CA2: Quando começou essa pandemia, eu fiquei lendo menos. Quando eu estudava presencial, eu lia um livro de 500 páginas em uma semana tranquilamente. Agora eu já não tenho aquela **empolgação para ler**.*

*CA3: Na escola eu tinha mais vontade de ler, não sei o **porquê em casa eu não tenho mais vontade**, já que tenho outras distrações.*

*IM1 Eu acho que eu perdi muito o meu lado apreciativo de cada detalhe do cotidiano, **das emoções vividas** na rotina, quando **eu perdi a rotina, eu não tenho mais uma**, eu tenho uma rotina dentro de casa, mas eu não tenho aquele contato mais com as pessoas, aquele tanto de emoção a qualquer momento, a senhora entende? O que era antes da pandemia.*

*IM2 **nós entramos na pandemia, muita inspiração foi embora**, igual a XXX falou, nós não andamos vendo ninguém, nós só andamos dentro de casa e entrando em aulas (...) principalmente nesse momento, é mais dentro de casa e fazendo tarefa, a inspiração acaba*

² *Mentimeter* "é uma plataforma colaborativa, disponível *online* que foi usada como um dos recursos de coleta de dados para nossa pesquisa.

Conforme observamos nos excertos dos alunos *CA1* e *CA2*, o uso frequente de recursos digitais (*mapa mental*) e o cansaço ocasionado pela exposição frequente à tela, trouxe uma desmotivação pela leitura, perdendo assim, a “empolgação para ler”. A mudança na rotina desses jovens, que afetou diretamente sua relação em todas as esferas (amizade, escola, rotina) também interferiu no modo de ver a vida, de “apreciá-la”, pois os espaços previstos para educação formal (escola, trabalho) e informal (família, relacionamentos), se misturaram: a escola estava dentro de casa, os conflitos de casa muitas vezes eram ressoados para o ambiente escolar (basta lembrar dos momentos durante os encontros síncronos, em que podíamos escutar a voz dos pais, dos irmãos, o barulho da casa, no decorrer da aula, quando os “microfones” ficavam “abertos”) afetando assim, “a rotina”, “o olhar para a vida”, as “emoções vividas” e a “inspiração para realização das tarefas cotidianas” conforme observamos nos excertos dos alunos dos cursos de *CA3*, *IM1* e *IM2*.

Frente a isso, identificamos que os motivos que condicionam essa mudança de concepção, se apresentam de várias formas: a “a falta de paciência”, “a distração”, “a obrigação que gerou a desmotivação”, demarcados nos enunciados dos alunos dos cursos de *CA1*, *CA2*, e *IM1*, *IM2*, *IM3*, durante a entrevista e explicitados abaixo:

CA1 Eu lia bastante antigamente, **mas agora no online eu não tenho, acho que paciência**, para sentar na cadeira, ligar o computador e começar a ler algum livro. **Não consigo**. Eu até começo, mas eu não consigo terminar.

CA2: O principal são as distrações. **Tem muita distração, principalmente no online**, ainda mais que a gente está em casa.

IM1: Eu acho que não era assim, **as redes sociais antes era um meio para a pessoa se distrair e hoje acabou sendo obrigação e distração**, porque com a pandemia você vai fazer o que na rua? Tem que ficar em casa e o único lugar que você se distrai é com o celular, **as obrigações da escola é com o celular, então está saturado já**.

IM2: Então, eu acho que os alunos **antigamente, as redes sociais, a tecnologia e celular, computador era para diversão, agora como tem que estar conectado em aulas e fazendo as coisas do colégio deu uma desmotivada**, assim, no geral

Mediante essas vozes, observamos que a pandemia atingiu não somente as relações do sujeito com o mundo, mas também a relação dele com os suportes digitais, já que nesse tempo, esses dispositivos eram a única via de acesso para instituir a comunicação real, deixando de ser um “atrativo” e tornando-se uma “obrigação” (conforme relatado pelos alunos *IM1*, *IM2*) e como o “lugar” do tecnológico sempre foi instituído como um espaço de “entretenimento”, talvez até

mais do que de conhecimento, pois ele contribui para a socialização e comunicação entre os sujeitos, principalmente, entre os jovens, o “virtual” apresenta muitas “distrações” (*whatsapp, telegram, notificações*).

Então, para ser usado como instrumento na educação formal, posto que essa prática do ensino remoto ainda é muito recente nas nossas vidas, na nossa rotina, tornam-se necessárias algumas habilidades para lidar com essas novas ferramentas exigidas na realização das tarefas escolares. Os discursos revelam que não estamos preparados para lidar com as distrações próprias do universo digital que agora invade os espaços da sala de aula virtual, das tarefas escolares, pois essas exigem concentração. Todas essas premissas relatadas, podem ser observadas nas vozes dos alunos CA2 (*“Tem muita distração, principalmente no online”*), IM1 (*“as redes sociais antes era um meio para a pessoa se distrair e hoje acabou sendo obrigação”*), IM2 (*“antigamente, as redes sociais, a tecnologia e celular, computador era para diversão, agora como tem que estar conectado em aulas e fazendo as coisas do colégio deu uma desmotivada”*).

Doravante esses sujeitos-leitores se reconhecem na língua e pela língua, dada sua experiência nesse contexto digital, e sua interpretação acerca da linguagem instituída nesse espaço, é formada por signos plenos de axiologia, socialmente estabilizados, viabilizando assim, que sua compreensão sobre o mundo esteja atravessada por esses valores, posto o lugar em que esse sujeito está inscrito nesse processo de produção e compreensão discursiva. Isso significa dizer que a produção da leitura pelo leitor está condicionada a esses deslocamentos de rarefação.

Diante desse contexto, em que as práticas de leitura foram realizadas com maior frequência nos suportes digitais, precisamos levar em consideração que a questão aqui posta não envolve apenas a mudança dos suportes pelos quais a leitura circula, mas sim, o que essa mudança (do impresso ao digital) implica enquanto habilidades que, nesse contexto, são exigidas desse leitor da atualidade.

Ao inserir-se nessas novas práticas de leitura no contexto tecnológico, esses sujeitos precisam desenvolver algumas habilidades importantes para saber lidar com esse universo digital. Esse conhecimento, que está no âmbito dos novos letramentos, exige desse leitor uma compreensão acerca das múltiplas linguagens que circulam nos espaços das mídias digitais, como por exemplo, os textos multissemióticos, além de saber manejar o funcionamento

hipertextual, isto é, saber posicionar-se frente a novos caminhos de leitura impostos nesse universo da tecnologia.

O que observamos é que, quase sempre, essa ausência de letramento digital surpreendeu esses alunos que, de uma hora para outra, depararam-se com uma série de tarefas que exigiam dele um conhecimento acerca das ferramentas tecnológicas. Isso demandava muito mais que saber acessar alguns conteúdos de sua preferência, mas saber lidar com as distrações desse universo, já que eles precisavam realizar tarefas que exigiam mais atenção, como assistir às aulas, estudar, realizar as tarefas da escola.

Um desses desafios, relatados nos discursos dos sujeitos-colaboradores em questão, demonstra a dificuldade em saber se defrontar com a “distração” diante da quantidade de informações disponíveis no ambiente tecnológico. Uma vez que esses jovens leitores ainda estão em processo de formação e aprendizagem frente às possibilidades oferecidas por essa recente forma de comunicação (internet), eles precisam saber traçar sua rota de acesso, de leituras, de navegação, e nem sempre dominam essa habilidade. É o que alegam os alunos dos cursos de *IM2 e IM2*, durante a entrevista

IM1: Professora, eu tenho até que uma facilidade, só que a única coisa que me deixa, **que me desconcentra**, é que eu sou totalmente, desculpa professora, é que eu sou **totalmente viciado em rede social, eu não consigo muito focar**, eu sempre tenho que está entrando ali para dar uma conferida

IM2: (...) **normalmente eu não consigo me concentrar**, porque tem várias coisas ali que eu posso, tipo, sair de uma página e entrar na outra, ver coisa totalmente diferente, eu prefiro um livro físico, que me ajuda a concentrar mais.

Os mesmos desafios apontados acima, foram identificados nos enunciados dos alunos do curso de *EL e CA*, produzidos na atividade de “fórum”, em que solicitamos que eles reportassem os pontos negativos da leitura realizada no ambiente virtual

EL1 **No ambiente virtual há muita distração** como as notificações no aparelho eletrônico de aplicativos como Whatsapp, Instagram, You tube entre outros. (Fórum, 27/07/21, Moodle)

EL 2 A leitura no ambiente digital **dificulta a concentração** (muito fácil se **distrair com um aparelho em mãos**), em algumas pessoas pode afetar a visão. (Fórum, 27/07/21, Moodle)

CA1 E muito melhor ler um livro, longe das **ferramentas tecnológicas que acaba tendo muita distração e perda de foco** (Fórum, 21/07/21, Moodle)

Conforme observamos nos excertos que contemplam a entrevista e a atividade de *fórum*³, os sujeitos/leitores, denominados por Santaella (2004), como “imersivos” (já que estão em constante contato com as tecnologias), embora apresentem uma certa habilidade em saber usar os recursos tecnológicos, eles ainda reconhecem sua fragilidade diante das distrações pelas quais esse espaço proporciona, visto que as interfaces apresentadas para manifestação de inúmeras formas de linguagens e comunicação, atraindo a atenção desse jovem, levando-os a perder-se no caminho. Os alunos *EL1*, *EL2*, *CA1* (nas vozes que constituem a atividade “*fórum*”,) demonstram que “há muita distração” no ambiente virtual, o que dificulta a “concentração”, e a “perda do foco”, já que há muitos atrativos que lhes tira a atenção.

Ao analisar esses discursos, identificamos que muitos desses alunos/colaboradores atuam no espaço virtual como um navegador, que se movimenta pelos caminhos do hipertexto, pautado pelas notificações. Esse tipo de leitor que explora sem rumo esse espaço virtual, sem muita pretensão, apenas pela curiosidade, para monitorar ou para manter-se atualizado, é denominado por Santaella (2004) como leitor errante, já que “(...) enfrenta sua tarefa como quem brinca, explorando aleatoriamente o campo de possibilidades aberto pela trama hipermediática (p. 178), por isso, volta-se para as rotas dispersivas, cujo conteúdo chama-lhes mais atenção: as redes sociais, as conversas de *whatsapp*, o conteúdo do *instagram*, *Youtube*, dentre outros e perde-se pelo caminho, perde o foco e a concentração mediante as tarefas que precisam realizar.

A distração, dada a multifuncionalidade disponível nos dispositivos eletrônicos (aplicativos, etc.), favorece não apenas o acesso a vários recursos tecnológicos que facilitam o acesso e a realização de várias atividades nesse suporte, mas corrobora na dispersão do leitor, na redução da atividade leitora, já que concomitantemente à leitura, o usuário realiza tarefas que envolvem várias dimensões como: fala ao *whatsapp*, migra de uma página à outra para rever e atender às notificações, escuta música etc. Nesse sentido, o que torna a leitura realizada na tela, muitas vezes, menos “fluidas”, é o que Dadico (2017), afirma

³ O fórum é um recurso de atividade disponibilizado pela plataforma *Moodle*, em que os participantes podem opinar sobre os temas indicados e também interagir com os colegas expressando suas opiniões entre eles. Utilizamos na análise de dados, os enunciados produzidos pelos alunos/colaboradores da pesquisa, a partir da realização da atividade do “fórum”.

A disposição em rede do livro digital contribui para que não apenas internamente ao dispositivo, mas internamente ao próprio texto, surjam estímulos – como *hyperlinks* – que capturam a distração do leitor, dificultando uma leitura continuada da obra. Esta “captura” dos momentos de distração ao longo da leitura faz com que a divagação, necessária para que se possa alcançar uma experiência mais rica com o texto, perca-se em meio aos labirintos das teias de informação, deslocando-se para fora da obra. Neste quadro, as leituras realizadas pelos leitores podem ser descritas menos como “distraídas” e “fluidas” (como se daria no caso do livro em papel), e mais como flutuantes e frenéticas. (p. 731)

Ainda segundo Dadico (2017), o significado da leitura “flutuante” está relacionado à uma leitura de ritmo veloz, de busca intermitente que se opõe à leitura contemplativa. Daí que a autora reitera que, nessa perspectiva, a leitura em tela torna-se um lugar de realização de tarefas, de pesquisa, de intervenções inúmeras, já que o leitor tem acesso aos hiperlinks que levam aos hipertextos (e assim, sucessivamente). E, claro, a pandemia evidenciou ainda mais essa premissa, uma vez que o ambiente virtual se tornou um dos únicos recursos para realização das demandas interpessoais, sociais, educacionais etc.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Este artigo buscou analisar os discursos de alunos do 1º ano XXXXXXXX, do XXXXXXXXXXXX a fim de compreender as concepções discursivas desses leitores sobre a leitura realizada em suporte digital, durante a crise sanitária causada pelos vírus Sars-CoV-2 (Covid 19) entre 2020 e 2022.

Conforme observamos nos discursos acima elencados e analisados, esses alunos estão inscritos em um tempo em que as tecnologias têm transformado os espaços de aprendizagem, de comunicação, de interação e, portanto, os desafios se apresentam a cada nova descoberta e a possibilidade de mudança que esse mundo digital nos apresenta. Mas diante da pandemia, em que ficou evidenciada a ausência de letramento digital desses alunos, já que lhes faltam algumas competências necessárias para “saber aprender”, isto é, traçar os propósitos na seleção das informações, nas leituras a serem realizadas, na interpretação e também nas práticas de entretenimento, observamos que eles ainda demonstram que não sabem lidar muito bem com as distrações oferecidas pelo universo tecnológico.

Desse modo, o uso efetivo das metodologias ativas (principalmente nesse tempo de pandemia), trouxe cansaço, impaciência, desmotivação, mas também viabilizou uma experiência nova a esses estudantes, a aproximação do universo tecnológico às práticas cotidianas escolares, permitiu que eles pudessem vislumbrar outras possibilidades de leitura, de escrita a partir de recursos até então, não explorados pelo discurso escolar. Portanto, cada discurso reportado à análise, apresentou uma construção de signos linguísticos, intrinsecamente sociais, produzidos no âmbito das relações estreitadas entre o ambiente natural e social e, devido a isso, os discursos que configuram esse tempo, revelam uma dimensão heterogênea, ideológica construída a partir de eventos que os colocavam frente a outras produções de sentidos. Daí que, a produção desses discursos por esses sujeitos leitores está afetada pela ordem do repetível, já que ele se inscreve no já dito para a construção dos enunciados. Desse modo, nessa retomada de outros dizeres, a partir da historicidade e aos modos de funcionamento do discurso, os sentidos são produzidos e instituídos dentro de uma formação discursiva (ORLANDI, 2003) que remonta, na dispersão das vozes, a compreensão da leitura em tempos de pandemia.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Os gêneros do discurso. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (Prefácio de Roman Jakobson, Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira), 12. ed., São Paulo: Hucitec, 2006.

CUNHA, L. F. F.; SILVA, A. S.; SILVA, A. P. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo**: Estudos Educacionais do Distrito Federal, v. 7, n. 3, p. 2737, 2020.

DADICO, L. Modos de ler livros em meios digitais: transformações da experiência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 37(3), 725-737, 2017. <https://doi.org/10.1590/1982-3703004662016>
acesso em 25 de abril de 2023.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GREGOLIN, M. R. V. **A análise do discurso**: conceitos e aplicações. São Paulo, GREGOLIN, M. R. V. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **ALFA**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 39, p.13-21, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967>. Acesso em 20/12/22

GREGOLIN, M. R. V. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Clara Luz, 2004.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

MALINI, F. **A plataforma da leitura e redes sociais**: impactos no consumo de livros. Retratos de leituras no Brasil. 5. ed. capítulo 10. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001

_____. A leitura proposta e os leitores possíveis. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

PIOVEZANI, C. & SARGENTINI, V. (orgs.). **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2020.

RIOS, J. A. V. A Constituição do Sujeito de Linguagem: entre “Eu” e o “Outro. Revista **Entreideias: Educação, Cultura E Sociedade**, 10(9). P. 203-217, 2006. <https://doi.org/10.9771/2317-1219rf.v10i9.2693>, acesso em 09/02/23.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campina s: Mercado das Letras, 2009. (Série Ideias sobre Linguagem).

Limerce Ferreira LOPES

Doutoranda pelo Programa de Pós graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em Letras e Linguística pela UFG, Especialista em Metodologia de Educação à Distância, Claretiano/ Batatais; Especialista em Ensino aprendizagem de Língua espanhola, pela Associação Educativa Evangélica, AEE e Licenciada em Português/Espanhol pela UFG. Atua como vice-líder dos grupos Núcleo de Estudos Discursivos e Enunciativos (NEDE-CNPQ) e Núcleo de Estudos da Língua em Uso e Interfaces (NELUI/CNPQ) e é membro do grupo de pesquisa “O círculo de Bakhtin em diálogo” (UEPB/CNPQ). Atua como professora efetiva no Instituto Federal de Goiás, Campus Goiânia nos cursos de nível básico e superior.

Eliane Márquez da Fonseca FERNANDES

Pós-Doutorado em Educação pela UnB (2011), doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2007) e atualmente trabalha como professora voluntária na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. É líder da Rede Goiana de Pesquisa: texto, discurso e ensino inscritos na FAPEG-GO e também do Grupo de Pesquisa CNPq CRIARCONTEXTO: estudos do texto e do discurso que se insere na Rede de Pesquisa em Língua Portuguesa ao Redor do Mundo.

REVISOR DE LINGUAGEM

Nome: Eliane Márquez da Fonseca Fernandes [e-mail: elianemarquez@uol.com.br]

Recebido em 27/fevereiro/2023.- Aceito em 04/maio/2023